

ALGUNS DADOS SÔBRE AS FONTES DA HISTÓRIA RUSSA E A HISTORIO- GRAFIA DÊSSE PAÍS

Até êstes últimos decênios conhecia-se muito pouco a história da Rússia fora das fronteiras dêsse país e as suas fontes históricas ainda menos. Também a historiografia russa era quase completamente desconhecida no estrangeiro. Sabia-se apenas os nomes de alguns, e nem sempre dos mais importantes, historiadores russos. Só depois da revolução russa de 1917 foi que o interêsse por êsse país aumentou sensivelmente e a história russa começou a ser estudada no Ocidente (e sobretudo nos Estados Unidos), tanto quanto a dos outros grandes países europeus; do mesmo modo se intensificou o estudo das fontes da história da Rússia e da historiografia russa. A êstes dois aspectos do principal país eslavo consagramos êste artigo. Entretanto, analisaremos apenas alguns pontos essenciais da sua evolução.

Para o estudo do período inicial da história russa temos os *Anais* russos, dos quais se conservaram numerosos exemplares manuscritos datados do século XIV ao XVII. Êles foram encontrados sobretudo nos velhos mosteiros, sendo publicados no século XIX pela Comissão Arqueológica de Petersburgo em 22 volumes. As mais velhas narrações têm o nome do frade Nestor, que teria vivido no século XI. Parecem, porém, terem sido escritas em épocas diferentes e verificou-se que a parte mais antiga foi redigida não por Nestor, mas pelo abade Silvestre, do mosteiro de Vydubitzki em Kiev. E parece provável, também, que Silvestre coordenou os *Anais* escritos antes dêle, desde o meado do século XI. Sua *Narração dos tempos passados* começa por um resumo da história universal do cronógrafo grego George Amartola. Passando à exposição dos fatos da história russa, Silvestre aplicou-lhe também os métodos de estudo e as opiniões políticas de Amartola. Êle estava bem a par de todos os materiais históricos da época e sua *Narração* pode ser considerada como refletindo exatamente a história russa dêsse período. Em geral foram as *Crônicas* bizantinas que serviram de modelo aos *Anais* russos, baseados em grande parte nas recordações pessoais dos seus autores que utilizavam também documentos da época. Assim os *Anais* de Nestor-Silvestre falam de tratados de 911 e 945 com os gregos e da *Ruskaia Pravda* ("Verdade Rússia") — compilação legislativa atribuída ao Grão-duque de Kiev, Yaroslav-o-Sábio (1019-1054). Entretanto, encontramos

também nos *Anais* elementos lendários, mas muito poucos historiadores sublinham freqüentemente a exatidão das notícias relatadas nos *Anais*.

Desde o século XII êsses *Anais* começam a tomar um caráter local, relatando sobretudo notícias referentes à vida desta ou daquela região russa. Os principais continuam sendo redigidos em Kiev e em Novgorod, mas ao lado dêles existem *Anais* escritos em Galitch, Rostov e Pereiaslavl. Todos êsses *Anais* repetem inicialmente a parte geral da *Narração dos tempos passados* de Silvestre e só depois disso passam a expor os acontecimentos locais. Mais tarde, no século XIII, e em virtude da invasão tártara, aparece uma cisão mais importante entre os *Anais* do norte e os do sul. Essa cisão se mantém até o período de hegemonia de Moscou, quando a Rússia foi unificada em tôrno dessa cidade e só depois disso os *Anais* começam de novo a relatar a vida de todo o país. No século XVII aparece o último dos *Anais*, redigido por ordem do patriarca Nicon e que tem o seu nome. Nessa vasta obra aparece um novo fenômeno: uma certa tendência política que faltava naqueles escritos anteriormente.

Ao lado dos *Anais* russos podem ser citadas as crônicas bizantinas nas partes consagradas às relações com a Rússia. Em 1771-1779 Stritter publicou uma delas em 4 volumes. Foram reunidas e publicadas em russo por Garkavi em 1870. Khvolson, em 1879, publicou os compêndios e notícias encontrados em fontes árabes.

Memórias começaram a ser escritas na Rússia desde o século XVI. Seu número foi provavelmente muito maior do que aquêle que chegou até nós, pois as habitações na Rússia, geralmente feitas de madeira, eram destruídas pelo fogo com tudo o que continham; sòmente os documentos conservados nos edifícios de pedras das igrejas e mosteiros escaparam às chamas. O primeiro grupo de memórias mais notáveis refere-se ao chamado Tempo Turvo do começo do século XVII — foi também publicada pela Comissão Arqueográfica. Essas memórias, bastante raras no século XVII, tornaram-se realmente numerosas sòmente no século XVIII.

Ao lado das memórias de russos devemos citar também as descrições de viagens à Rússia feitas por estrangeiros. Na Idade Média pode ser citada a de Plano Carpini (que na verdade só atravessou as estepes desérticas do sul do país). Porém, a primeira obra interessante desta categoria data sòmente de 1549 e é devida ao barão Herbarstein — embaixador austríaco na côrte de Moscou — e tem o seguinte título: *Rerum Moscovitarum Commentarii*. Ao mesmo século referem-se também os relatórios dos ingleses Chancellor, Horsey e Fletcher (êste de 1591). Ao período do Tempo Turvo referem-se as memórias do francês Margeret e dos poloneses Jolkievski, Sápieh e Petreuss. Entre as nu-

meras memórias que temos do século XVII podemos indicar particularmente as do padre croata Krijanic, o primeiro partidário do paneslavismo. Dêste século datam também as memórias de Meyerberg, Olearius e a do patriarca Macário.

Outro fator de destruição dos documentos históricos e em particular dos atos oficiais, além dos incêndios, foram as invasões estrangeiras que contribuíram, sobretudo, para o desaparecimento de numerosos materiais históricos oficiais conservados nas grandes cidades. Notemos principalmente as invasões polonesas do Tempo Turvo, a francesa de 1812 com o grande incêndio de Moscou e a alemã de 1941-1944. Todavia, a parte mais importante dos atos oficiais foi impressa em várias compilações do século XIX, como o *Compêndio dos atos de estado e tratados* (4 volumes, 1813-1822) e as *Compilações da Sociedade Histórica Russa*. De grande interesse são os livros genealógicos (*Rasriadniia knígui*) de 1556 e de 1686 (impressos entre 1853 e 1885). Sua importância ultrapassa o seu caráter puramente genealógico porque a situação histórica de tal ou qual família decidia da posição dos seus representantes na administração e no exército. Assim, êsses livros dão também informações históricas muito mais amplas que as puramente genealógicas. Também foram impressos os livros cadastrais dos séculos XVI e XVII e mais tarde os recenseamentos que serviam de base para a tributação.

Depois de *Russkaia Pravda* de Yaroslav-o-Sábio e dos dois *Sudebniks* (códigos de leis para julgamentos) do grão-duque Ivan III (1497) e do czar Ivan-o-Terrível (1550), um marco fundamental para a legislação russa representou o *Ulojenis* (código) do czar Alexis Michailovitch (1649). As reformas de Pedro-o-Grande e de Catarina II tornaram necessária uma nova codificação, mas essa só foi realizada com a publicação, em 1833, do *Código das leis* do czar Nicolau I. Êste código foi precedido da publicação em 1830-1833 dos 46 volumes da *Compilação completa de leis*, a começar pelo código de 1649 e até o de 1825. Esta compilação inclui, de fato, não só leis, mas também muitos documentos administrativos e tem, em geral, um amplo interesse histórico.

Também foram impressos um grande número de documentos particulares referentes sobretudo aos direitos de propriedade imobiliária e várias formas de servidão e obrigações pessoais.

A história da literatura sendo considerada agora como uma disciplina a parte, menosprezam-se geralmente as fontes literárias ou pelo menos são elas deixadas de lado pelos historiadores, cedendo lugar à história propriamente dita. Estranhamos, entretanto, essa indiferença, pois a literatura popular reflete sempre a vida do passado. Na realidade, quem estuda a história francesa não pode deixar de lado as *chansons de geste*, ou quem estuda a história inglesa não pode desprezar as lendas da Távola Redonda. Do mesmo modo a história russa é ilustrada e animada pelas criações

literárias populares da época medieval. Apontemos, entre elas, a *Canção de Igor* (textualmente o *Dito sobre o exército de Igor*). Essa “Canção” ficou mundialmente conhecida depois que Borodin escreveu, baseando-se nela, a sua ópera *Príncipe Igor*. Ela é, por si só, uma notável obra poética. Descreve a expedição dês príncipe em 1185 contra os nômades polovetzianos que atacavam nessa época as regiões meridionais da Rússia; conta a derrota do exército russo, o cativo do príncipe, sua fuga e sua volta para sua cidade de Putivl onde por êle esperava a sua fiel espôsa. Supõe-se que essa canção date do século XIV ou XV. Foi encontrada no século XVIII, mas seu único manuscrito foi destruído pelas chamas durante o grande incêndio de Moscou de 1812. Entretanto, o conde Mussin-Puchkin — a quem pertencia o manuscrito — o tinha feito examinar pelos cientistas da época e tinha-o impresso; dêste modo foi o seu texto conservado, apesar de ter sido mal decifrado em alguns de seus trechos. O *Dito de Igor* provocou muitos comentários e até acerba polêmica a respeito da autenticidade da obra. Pouco antes da II Guerra Mundial o conhecido eslavista francês Mason exprimiu dúvidas à respeito dela, o que provocou muitos artigos em sentido contrário. O último dêles, que resume tôdas as objeções aos argumentos de Mason, foi publicado na revista de história medieval norte-americana *Speculum* (janeiro de 1952) pelo conhecido eslavista russo Roman Jakobson, atualmente professor da *Columbia University*. A autenticidade do *Dito de Igor* depois dessa polêmica parece ter sido firmemente estabelecida.

Outros documentos literários servem para ilustrar a história primitiva da Rússia: são as *bylinas* (textualmente, “fatos que existiam”). São canções épicas que transmitiam-se oralmente de geração em geração na região setentrional da Rússia e que foram transcritas no século XIX. Datam da época da *drugina* (destacamento militar) que acompanhava o príncipe normando e que existiu na Rússia até a invasão tártara do século XIII. Eram cantos, ou melhor, trechos de declarações musicais, executados no último século sobretudo por mulheres. Continuou-se a cultivar esta arte também depois do advento do comunismo, com uma única diferença: agora algumas dessas mulheres acrescentam às *bylinas* novos trechos de sua própria autoria glorificando o novo regime político. Em geral as *bylinas* têm uma base histórica, mas são acrescentadas de elementos lendários e religiosos tirados do paganismo. Dividem-se em dois ciclos: o de Kiev e o de Novgorod. O primeiro canta os feitos da época do príncipe Vladimir, o “Solzinho Vermelho”, imagem lendária de Vladimir-o-Santo; o segundo representa os principais aspectos da vida da grande cidade comercial que era Novgorod nessa época. As *bylinas* mostram a história russa do período que antecedeu a invasão tártara, tal como ela se gravou na memória das massas populares. Elas são de certa

utilidade para que melhor possamos compreender a psicologia dessa época afastada.

* * *

Os verdadeiros trabalhos históricos começam na Rússia na segunda metade do século XVII. Em 1674 foi publicado em Kiev, baseado nos *Anais*, o primeiro manual de história russa de autoria de Teodósio Safonovitch. A segunda *História da Rússia*, de Tatistchev (1686-1750) foi publicada somente depois da morte do autor, os quatro primeiros volumes entre 1768-1784 e o quinto só em 1848. Era, na verdade, apenas um resumo das informações encontradas por Tatistchev nos diferentes *Anais*. Sua obra tem grande importância agora porque muitos desses *Anais* desapareceram mais tarde e só ficaram conhecidos pelas suas citações.

O estudo realmente científico da história russa começou com o alemão Bayer, acadêmico de Petersburgo, que publicou entre 1728-1738 nas *Atas* dessa Academia, artigos sobre o período inicial do estado russo. Foi ele quem exprimiu pela primeira vez a opinião de que os russos eram um povo normando que subjugou as tribos eslavas dispersas no território e lhes imprimiram um cunho cultural, que atualmente se denomina russo. Essa opinião encontrou imediatamente uma enérgica oposição da parte do grande cientista e também acadêmico Lomonosov que publicou uma *Antiga História Russa* abrangendo um período até 1054. Ele proclamou a teoria da origem eslava da Rússia. Essa controvérsia durou na historiografia russa durante os séculos XVIII e XIX. Nos meados desta centúria o representante mais fervoroso do normandismo foi Pogodin e do eslavismo foi Zabelin. Essa polémica enfraqueceu mais tarde, mas reaparece de novo de vez em quando até agora. Os historiadores russos do período soviético são em geral mais propensos às opiniões eslavistas.

Na mesma geração e seguindo Bayer e Lomonosov notamos os alemães Schlözer e Müller e os russos príncipe Stcherbatov e Boltin. O nome de Schlözer ficou na história geral como o fundador da crítica histórica, mas ele próprio deu mostra de falta de sentido crítico ao editar e comentar os *Anais* de Nestor. Müller deixou uma *História da Sibéria* e publicou uma grande quantidade de documentos históricos dos quais serviu-se parcialmente Stcherbatov na sua *História da Rússia* (5 volumes, 1770-1790). Suas opiniões conservadoras provocaram as críticas de Boltin que consagrou mais atenção, do que os autores que o precederam, à história interna do país. Estas críticas provocaram uma troca de artigos por parte dos dois historiadores.

Müller quis levar ainda a cabo a publicação sistemática de documentos diplomáticos russos, mas este trabalho foi realizado

sòmente depois de sua morte, por ordem do chanceler Rumiantzev, cujos colaboradores principais foram os historiadores Kalaidovitch e Stroeve que encontraram muitos documentos importantíssimos até então desconhecidos. Esta foi a *Compilação dos atos e tratados do Estado* que já citamos.

No começo de século XIX, entre 1816-1829, apareceu em 12 volumes a célebre *História do Estado Russo* de Karamzin. Em nossos dias essa obra é sobretudo considerada como um monumento literário, mas na época do seu aparecimento produziu uma impressão enorme. Karamzin era um escritor conhecido e suas novelas de gênero sentimental tiveram grande êxito no seu tempo. Sua *História*, escrita no mesmo tom sentimental, foi também obra literária, a primeira a popularizar os fatos do passado. Mais tarde Karamzin foi censurado, principalmente, pela falta de espírito crítico na sua grande obra.

Ao contrário de Karamzin, Katchenovski, professor da Universidade de Moscou entre 1821 e 1843, tentou formar uma escola cética no estudo da história russa, chegando a declarar fabulosa tôda a história do país até o século XIII. Katchenovski formou um grupo de discípulos entre os quais Stankevitch, também professor da Universidade de Moscou, que morreu muito jovem deixando um rastro luminoso na história da cultura russa, porém, não por suas obras, mas pela influência moral que exerceu sôbre seu auditório e sôbre o mundo culto dessa capital.

Entre 1820 e 1850 surgiram na Rússia, em grande parte sob a influência dos filósofos alemães Schelling e sobretudo Hegel, teorias histórico-filosóficas de duas tendências contrárias. O primeiro a expor tais opiniões foi Tchaadaief, oficial de hussardos, que escreveu uma série de *Cartas filosóficas* devido as quais viu se internado como louco nas suas propriedades de Moscou e proibido de escrever e publicar qualquer coisa. Ele declarou nessas cartas (que foram traduzidas mais tarde para o francês e o alemão) que o povo russo não estava destinado a ter um papel histórico universal, que ele não tinha passado e nem teria futuro, a menos que adotasse a única idéia de importância histórica mundial: a do cristianismo na sua forma católica.

Tendo tido as opiniões das *Cartas filosóficas* e de outros críticos da história russa certa repercussão na sociedade de então, encarregou-se de refutá-las Pogodin, professor desde 1836 da Universidade de Moscou. Foi-lhe fácil refutar as opiniões dos céticos a respeito dos *Anais* e em geral da história primitiva da Rússia. A sua análise dos *Anais* tem certa importância ainda hoje, mas suas opiniões histórico-filosóficas, contrárias aos historiadores céticos, chegaram ao outro extremo, tomando um caráter místico. Quis provar que a Rússia tem uma missão histórica sobrenatural: por uma força da Providência a Rússia teria no futuro um papel sublime. Pogodin era também de opinião que tudo na história

rusa tinha uma explicação racional e que assim estava confirmada a missão excepcional dêsse país. Como sabemos, essas opiniões refletem-se em particular nas obras de Dostoievski, sem falar em muitos outros escritores de menor importância.

Um contemporâneo de Pogodin, Polevoi — jornalista influente na época — publicou entre 1829-1938 uma *História do povo russo* em 6 volumes. Sua idéa fundamental era que a base da evolução histórica encontra-se nos próprios povos e que essa base tem mais um caráter ideológico do que material. Entretanto, explicando a evolução do povo russo pelas suas particularidades inatas, chegou a considerar que elas tornaram inevitáveis os marcos principais da sua história e foi levado assim, do mesmo modo que Pogodin, a justificar os períodos históricos os mais sombrios.

Simultaneamente com a atividade dêsses dois historiadores e certa influência desenvolvida pelas suas opiniões, a teoria eslavista expandiu-se num grupo de intelectuais moscovitas. Seus partidários opuseram, como disse mais tarde Miliukov, a alma ocidental — realista e lógica — à oriental — essencialmente emocional e oriunda do domínio místico e transcendental. Pensamos, porém, que a contraposição em geral da *Weltanschauung* ocidental à oriental pode ser feita, no que toca ao eslavofilismo, apenas no período inicial dêsse movimento. Partindo da opinião que as reformas de Pedro-o-Grande tinham uma influência negativa sobre a evolução normal do povo russo, êles viram os principais elementos positivos desta evolução no cristianismo ortodoxo e na comuna rural (*o mir*), que, fato curioso, foi pela primeira vez indicada como fenômeno social interessante e exclusivamente russo não por um russo, mas por um escritor alemão, Haksthausen, precisamente quando apareceram as obras mais interessantes dos eslavófilos. Foi o jovem Constantin Aksakov o primeiro que tentou aplicar as idéias eslavófilas à história russa, afirmando que antes do estabelecimento do estado russo pelos príncipes e guerreiros escandinavos o povo russo passara por uma época ideal de vida em comunidade que terminou com a chegada dos varegues. Seria supérfluo analisar agora estas teorias, mas reconheçamos que graças a elas começou-se a estudar a estrutura social da antiga Rússia e as relações entre suas diferentes classes. Para isso serviram-se — além das publicações pela Comissão Arqueográfica de documentos encontrados no começo do século XIX nos mosteiros e arquivos provinciais — de artigos das *Leituras da Sociedade de História e Antiguidades* de Moscou. Nos 27 volumes desta publicação foram estampados numerosos artigos sobre a história social da Rússia de autoria de Beliaev, professor de história do direito russo da Universidade de Moscou e secretário da dita sociedade, autor que simpatizava com o eslavofilismo, mas que era em geral muito imparcial.

Outro professor da Universidade de Moscou, contemporâneo de Beliaev, S. Soloviev (pai do célebre filósofo Vladimir Soloviev) adotou a teoria da *gens* que já se encontrava nas obras de Pogodin e de Polevoi e que foi sobretudo desenvolvida pelos professores da Universidade de Dorpat — Evera e Retiz. Segundo Soloviev a história da evolução russa coincidiria com a evolução do regime da *gens* (família) dos príncipes descendentes de Rurik. Diz êle também que no período inicial da história russa, no de Kiev, os senhores dessa *gens* consideravam o país como sua propriedade comum e repartiam entre si as cidades seguindo a ordem da primazia, como se estas fôsem bens hereditários da família. Depois da invasão tártara, quando êles se viram confinados no nordeste do país, os príncipes membros da *gens* tornaram-se donos hereditários dos seus principados que dirigiam como propriedades particulares. Esse regime de monarca-proprietário teria subsistido até Pedro-o-Grande que o substituiu por um regime estatal absolutamente semelhante ao modelo ocidental daquela época. Soloviev escreveu uma *História da Rússia desde os tempos mais remotos*, em 29 volumes, e que ia até o ano de 1774. A sua geração considerou esta obra histórica como perfeita e até hoje ela não perdeu sua importância devido aos numerosos documentos que aí estão relatados pormenorizadamente.

As opiniões de Soloviev não foram aceitas pelo historiador do direito russo Kavelin que estudou a evolução da *gens* no passado russo e indicou que assim como no Ocidente ela logo cedeu a primazia ao regime da família, cedendo êste, por sua vez, ao regime individual. Entretanto, Kavelin sublinhava que com esse processo não se procurou na Rússia imitar aquilo que se observava na Europa Ocidental; foi uma evolução independente que, é verdade, produziu-se muito mais tarde do que na Europa, mas com traços e formas bem peculiares.

Um outro professor de história do direito russo, o historiador e filósofo Tchitcherin que — como Kavelin escreveu na segunda metade do século XIX e era adepto da filosofia de Hegel — colocou no primeiro plano o estado como princípio da liberdade suprema do espírito. O indivíduo, a família, e a *gens* são para êle formas primitivas da convivência humana, que cedem à primazia do estado. Vemos assim na Rússia, há um século atrás, nas obras de Kavelin e Tchitcherin a controvérsia, nessa época completamente abstrata, das opiniões que agora opõem na realidade o mundo ocidental ao oriental.

O antagonismo entre eslavófilos e ocidentais não desapareceu completamente na segunda metade do século XIX mas não se manifestou mais na existência de diferentes escolas científicas: observou-se na variedade das tendências que apareceram desde então que as simpatias do povo se inclinaram cada vez mais para o eslavofilismo. Entre as obras científicas dessa tendência em pri-

meiro lugar devemos colocar o livro de Danilovski, *Rússia e Europa*, que provocou uma grande polêmica e cujas idéias 50 anos mais tarde foram retomadas por Spengler. Naturalista anti-darvinista, Danilovski aplicou a idéia da imutabilidade dos tipos do reino natural ao social e, passando em revista os tipos culturais nacionais do passado, chegou à conclusão de que a era da predominância da cultura européia ocidental está nas vésperas de ceder o lugar ao tipo cultural eslavo. Como sabemos, essa foi a idéia básica de Spengler. Danilovski era um partidário ardente da idéia de uma federação eslava, cuja capital seria Constantinopla.

A meio caminho, entre essas tendências, permaneceu o professor Bestujev-Riumin de Petersburgo, autor de uma *História da Rússia* consagrada principalmente ao estudo e crítica das principais fontes dessa história. Seus alunos, sobretudo Zamyslovski, tentaram também ficar fora de qualquer luta de caráter político.

Após 1860, os estudos históricos ramificaram-se em tal ou qual particularidade da vida do passado. Assim, Zabelin consagrou-se ao estudo da vida particular das classes abastadas e publicou 2 volumes, um a respeito da *Vida doméstica dos czares* e um outro a propósito *Das czarinas russas*. Buslaiev escreveu dois volumes sobre o folclore e a arte popular e Afanassiev reuniu as lendas e os contos populares. Essa ramificação manifestou-se também na regionalização, se assim podemos dizer, dos estudos históricos. Assim, Kostemarov que publicou uma coleção brilhante de biografias de russos notáveis sob o título *História da Rússia em biografias*, consagrou os 20 volumes das suas *Monografias e Pesquisas* (publicadas entre 1868-1889) principalmente à história da Ucrânia. Ele foi, na verdade, o primeiro promotor de uma nacionalidade ucraniana, seguido por Kulish que estudou a separação da Ucrânia da Polônia e sua unificação com a Rússia.

Um outro historiador, Koialovitch, publicou alguns volumes sobre a história da Rússia do Noroeste (que se chama também Bielorrússia) e uma *História da consciência nacional russa*, proclamando nela a necessidade de purificar essa consciência de tudo que fôsse oriundo do Ocidente, sobretudo nas classes superiores e na *intelligentzia*. Koialovitch foi ele próprio um representante das massas camponesas bielorrussas e greco-ortodoxas dominadas pelos grande proprietários, principalmente poloneses, e pelo clero católico. Assim, suas opiniões explicam-se pelo antagonismo nacional e religioso muito forte nessa região. Nas outras partes da Rússia esse nacionalismo exagerado foi adotado principalmente pelos escritores ultra-conservadores, tendo como representante extremo Constantino Leontiev (1), que acusou o progresso liberal e igualitário de levar os povos à morte. Durante quase 20 anos, entre 1870-1888, essa tendência foi chefiada por Katkov, inicialmente

(1). — Veja sobre ele o livro de Berdiaev: *Constantin Leontiev*, Paris.

professor de história da Universidade de Moscou, mas sobretudo talentoso e influente publicista e editor das "Notícias de Moscou" (*Moskovskii Vedomosti*).

O eslavofilismo tinha também uma ramificação liberal representada pelo populismo (*narodnitchestvo*). Tendo se ligado na esfera política sob a denominação de socialismo-revolucionário com o terrorismo, essa tendência social é geralmente considerada como extremista, mas de fato representa um socialismo moderado e concorda nas suas exigências com o radicalismo não socialista, diferenciando-se dêle só pelo fato de proclamar a necessidade da nacionalização das terras.

Os populistas consideravam que a espontaneidade da mentalidade natural do povo russo foi prejudicada sobretudo pela atividade reacionária do estado e das classes superiores. Mas reconheceram que a evolução intelectual do povo encontrava também obstáculos nas condições físicas e etnológicas da sua vida; pondo assim em primeiro lugar a atividade popular, independente do estado, os historiadores populistas consagraram-se sobretudo ao estudo de suas manifestações. O primeiro entre êles foi Stchapov, que expôs a teoria acima citada e que estuda sobretudo o *raskol* (o cisma) na ortodoxia do século XVII e as várias seitas religiosas russas. A êsse assunto consagraram-se também os populistas Kelsiev e Prugavin e um escritor oficial Melnikov (*Pestcherski*) que escreveu também romances de renome sôbre a vida dos secretários. Mordovtzev e Aristov escreveram sôbre os movimentos revolucionários do passado, enquanto Semevski e mais tarde Miakotin examinaram a história da servidão e do problema agrário antes do século XIX. Os herdeiros dos ocidentalistas da primeira metade dêste século foram encabeçados pelo já citado Soloviev que era partidário da idéia da progressiva europeização da Rússia desde há séculos. A essa teoria aderiu também Pypin que escreveu além de numerosos artigos, histórias da literatura e da etnografia russa, cada uma em 4 volumes.

Contribuíram muito para elucidar o problema da evolução social russa as obras de dois professôres de direito da Universidade de Petersburgo: Gradovski e Sergueievitch. Gradovski além da sua *História do direito público russo* em 3 volumes, publicou livros especiais sôbre a administração local e central, sobretudo no século XVIII; enquanto Sergueievitch consagrou-se ao estudo da participação popular no govêrno e na administração do país. Suas preleções universitárias e suas *Antiguidades jurídicas russas* (3 volumes, 1890-1896) permanecem até hoje uma obra clássica. Entre as opiniões dêstes dois professôres há, porém, uma grande diferença. Gradovski acha que no passado russo o povo não tinha o papel de um fator ativo e se êle admite que êste é uma força animadora, uma personalidade moral, é sobretudo porque sendo um constitucionalista do padrão ocidental, inevitavelmente devia con-

ceder ao povo um papel preponderante no futuro organismo estatal russo. Sergueievitch, ao contrário, indica — e com razão — que desde as primeiras épocas da existência do estado russo o povo participava do poder ao lado do monarca. Tal foi o *vétche* (a assembléia popular municipal que funcionava junto ao príncipe na Rússia antiga) e os *Zemski Sobor* (assembléias semelhantes aos Estados Gerais) nos séculos XVI e XVII. Sergueievitch apontando as analogias destas instituições com as da Europa Ocidental, foi o primeiro a introduzir na ciência histórica russa o método comparativo. Pouco tempo após êsse autor, o mesmo método foi sobretudo desenvolvido na Rússia por Máximo Kovalevski, um dos fundadores da sociologia mundial. O método comparativo, que desde então dominou pouco a pouco tôda a ciência histórica russa, interrompeu durante certo tempo a disputa entre eslavófilos e ocidentalistas, porque eliminou a possibilidade de defender os extremos destas duas teorias: a primeira que afirmava que a Rússia na sua evolução seguira um caminho totalmente original e a segunda que dizia que êsse caminho tinha sido completamente idêntico ao ocidental.

Kovalevski foi considerado como liberal demais pelo govêrno de Alexandre III e foi afastado de sua cátedra na Universidade de Moscou, do mesmo modo que Vinogradov que se celebrou mais tarde como historiador do direito medieval inglês e como professor da Universidade de Oxford. O mesmo destino teve Miliukov que ensinava na Universidade de Moscou e foi afastado dela mais ou menos em 1890. Foi o autor de trabalhos apreciados sobre a economia estatal russa do século XVIII, e também da muito interessante *História da cultura russa* em 5 volumes, cuja segunda edição foi por êle refeita inteiramente, sendo publicada em Paris a partir de 1930, mas que não ficou concluída até a II Guerra Mundial durante a qual êle morreu.

Soloviev foi substituído na Universidade de Moscou por um outro cientista célebre: Kliutchevski, que impressionava profundamente os seus ouvintes. Suas obras foram várias vezes reeditadas e traduzidas para o inglês e o alemão. Seu *Curso de história russa*, em 5 volumes, foi consagrado sobretudo à história social do país. Depois dêle foi principalmente a história social e a história interna do país que serviu de tema para os trabalhos das novas gerações de historiadores. Entre êstes notemos, além de Miliukov, um outro aluno de Kliutchevski: Kizevetter, professor em Moscou, que publicou livros sobre a história social dessa cidade russa no século XVIII. Na Universidade de Petersburgo lecionava o grande historiador Platonov que consagrou-se ao estudo do Tempo Turvo. Foi êle o primeiro a proclamar que Ivan-o-Terível fôra um grande monarca.

Não queremos citar outros nomes de historiadores que trabalhavam nas universidades russas entre 1870 e a revolução de

1917. Para tal seriam necessárias várias páginas só de nomes sem nenhum comentário. Por isso indicaremos somente o inacabado *Ensaio da historiografia russa* do professor da Universidade de Kiev: Ikonnikov que o publicou em 4 volumes entre 1891-1908. Apontaremos ainda dois escritores, professores respeitáveis das Universidades de Kiev e de Kharkov: Hrushevski e Bagalei, continuadores de Kostomarov no estudo da história da Ucrânia. Hrushevski, afastado de Kiev, passou para a Universidade galiciana de Lwow e publicou em ucraniano uma *História da Ucrânia-Rússia* em 8 volumes, que, permanece até hoje como a obra-chave do ultra-nacionalismo ucraniano.

O marxismo começou a influenciar os historiadores russos desde o fim do século XIX. Em primeiro lugar apontamos a *História da indústria russa no século XIV* de Tugan-Baranovski que no limiar do último século provocou na Rússia uma grande sensação. A economia rural da Moscóvia foi pela primeira vez estudada do ponto de vista marxista no livro de Rojkov que estudou a economia do século XVI. Uma *História da Rússia*, em 4 volumes, seguindo as teorias marxistas foi publicada ainda antes da revolução por Pokrovski, então livre-docente da Universidade de Moscou, que nos primeiros 15 anos do regime comunista serviu quase que de catecismo histórico da ciência oficial. Entretanto, mais tarde as opiniões de Pokrovski foram condenadas, ao que parece, porque êle reprovava indiscriminadamente todo o passado russo, e os historiadores soviéticos tinham começado a justificar êsse passado. Atualmente, condenam-se apenas os períodos que se seguiram a Pedro-o-Grande e mesmo nas obras que descrevem a vida na Rússia entre 1725 e 1917, há, freqüentemente, retratos da vida das classes superiores apresentados de maneira quase simpática. Apontemos ainda que entre os professores universitários de história na U. R. S. S. há muitos que fizeram seus estudos superiores antes da revolução. Tais são, por exemplo: Grekov, Derjavin, Zaozerskaia, Drujinin, Gautier, Bogoslovski, Pitcheta, Bakhruchim (que morreu ultimamente) e Tarle. Através dêles a nova geração de cientistas aprendeu a usar os métodos de pesquisas históricas que fizeram a fama de seus predecessores; todavia, consagram todo o seu interesse em estudar o passado social do país, sobretudo sob o ponto de vista marxista. Entre os historiadores de após-revolução devem ser citados em primeiro lugar: Udaltzov, Mavrodin, Basilevitch, Smirnov e Youshkov.

Entre êses historiadores, Derjavin, Grekov, Udaltzov e Mavrodin estudaram principalmente as origens dos eslavos e do estado russo; Gautier e Bogoslovski a administração local nos séculos XVI e XVII; Drujinin e Bakhruchin a história da Rússia nos séculos XV e XVI e o passado dos camponeses, que foi também estudado por Grekov. Enfim, Tarle escreveu sobre a época napoleônica. Infelizmente as dificuldades existentes entre nós

para se obter livros científicos da Europa Central não nos permitem comentar essas obras. Delas só o livro de Tarle, a propósito da campanha de Napoleão na Rússia em 1812, foi traduzida para outras línguas e sobre as opiniões de Udaltzev, acêrca da origem dos eslavos, somente pudemos nos documentar naquilo que em 1948 escreveu o prof. Portal na *Revue Historique*.

Já notamos os nomes dos professôres Kovalevski e Vinogradov; êste último fêz sua reputação estudando a história inglêsa medieval. Foram em geral bastante numerosos os historiadores rusos que estudaram a história do Ocidente, mas entre êles indicaremos apenas o nome do professor da Universidade de Kazan: Piskorski, porque consagrou-se êle especialmente à história social da Península Ibérica. Notemos ainda os cientistas de celebridade mundial que trabalhavam no Instituto Russo de Bizantinologia em Constantinopla: Uspenski e Kondakov. A êles aderiu Rostovtzev, atualmente professor nos Estados Unidos e que escolheu para suas pesquisas, em grande parte arqueológicas, tôda a parte do Oriente que fêz parte do Império Bizantino.

Um assunto que foi recentemente discutido por alguns dêsses historiadores foi o da "periodização" da história russa. Em geral um acôrdo entre êles se fêz acêrca da divisão da história russa em três períodos principais: o primitivo, o feudal e o capitalista. Essa divisão corresponde, evidentemente, ao dogma marxista.

Antes de terminar essa enumeração de movimentos históricos, anotaremos o renascimento do eslavofilismo na emigração russa depois da I Guerra Mundial sob a forma de eurasismo, uma espécie de filosofia da história partindo da idéia de que a Rússia é algo de intermediário entre os continentes europeu e asiático e entre os seus povos. A palavra Eurásia foi pela primeira vez empregada, há mais de um século, por um dos fundadores do eslavofilismo, Kireievski, que aludia ao fato de que na Rússia se fazia a união entre a Europa e a Ásia e que nela se criara um novo tipo de cultura destinada a substituir a atual cultura ocidental. Esta teoria conquistou depois de 1918 um grupo de jovens cientistas, alguns dêles de talento, entre os quais os mais interessantes foram o filósofo príncipe Trubetzkoi, professor da Universidade de Viena. Os historiadores da literatura, Bitzilli e o príncipe Sviatopolk-Mirski, o filósofo Karsavin, o teólogo Florovski e o geógrafo Savitzki. Nesse mesmo sentido foi escrito um *Esbôço de uma História da Rússia* por Vernadski, atual professor da Universidade de Yale e autor de uma história da Rússia publicada em inglês. Os eurasistas publicaram uma série de livros e coletâneas de artigos que tiveram, entre 1921 e 1930, uma certa influência nos meios intelectuais da emigração, sobretudo antes da morte do príncipe Trubetzkoi. Mais tarde êsse grupo cindiu-se. Inicialmente eram todos individualistas e anti-bolchevistas, reconhecendo no comunismo o único mérito de ter, mesmo contra sua vontade, voltado

a Rússia para o idealismo e a religião. Aos poucos, certos partidários do grupo abandonaram esse ponto de vista e reconciliaram-se com o regime bolchevista, voltando alguns deles para a Rússia. Quanto ao movimento eurasista em geral não se fala mais dêle, apesar de se reconhecer que o sentimento eslavofilista, no qual êle se baseou, continua a ser partilhado por muitos russos emigrados, embora nada tenham de comum com as abstrações científicas. E' interessante notar-se também que as idéias eurasistas exprimidas imediatamente depois do fim da guerra civil, à respeito da política da futura Rússia anti-bolchevista para com os países asiáticos e africanos (e em particular das colônias dos ocidentais), coincidem em muito com aquela que seguia o govêrno comunista desde sua subida ao poder.

Conde *EMMANUEL DE BENNIGSEN*